

REDES AFRODIASPÓRICAS: ABDIAS NASCIMENTO E O (AUTO)EXÍLIO¹

Afro-diasporic networks: Abdias Nascimento and the politics of (self-)exile

Redes afrodiaspóricas: Abdias Nascimento y la política del (auto)exilio

TAILANE SANTANA NUNES²
ORCID: 0000-0001-5971-1884

ÉDVIN MARLEI PEREIRA³
ORCID: 0009-0003-3683-316X

RESUMO

Abdias Nascimento foi uma liderança importante do movimento negro no Brasil. Iniciou sua trajetória cultural e política com a criação do Teatro Experimental do Negro (1944), a participação no Movimento Negro Unificado (1978) e o exercício dos cargos de deputado federal e senador. Durante a ditadura militar, entre 1964 e 1969, enfrentou repressão em razão de sua ligação com os movimentos sociais de libertação africana e de suas atividades antirracistas no teatro negro. Em 1968, aceitou um convite para um intercâmbio nos Estados Unidos, onde permaneceu em exílio por treze anos. O objetivo deste artigo de revisão teórica é remontar a trajetória de Abdias Nascimento durante seu autoexílio, destacando as experiências e as redes criadas junto a movimentos norte-americanos e africanos. Por meio de uma análise metodológica qualitativa, com ênfase na pesquisa documental, analisaram-se os relatos biográficos acerca da vida e da obra do ativista, bem como suas produções intelectuais, buscando apresentar os caminhos que Nascimento traçou nos movimentos internacionais dos quais fez parte. A pesquisa revelou que Nascimento se tornou uma referência importante em movimentos de arte e cultura nos Estados Unidos, participando, entre outros, do *Black Arts Movement*. Além disso, foram identificadas e analisadas produções de Abdias apresentadas em encontros pan-africanistas, o que permitiu compreender as interlocuções entre o ativista e as lutas de libertação africana. A análise dos relatos biográficos e das produções intelectuais de Nascimento evidenciou a importância de sua voz na luta contra a opressão racial e na promoção da cultura negra, bem como seu papel fundamental na articulação de uma consciência negra latino-americana e na denúncia do racismo estrutural brasileiro.

Palavras-chave: Abdias Nascimento; Autoexílio; Pan-africanismo.

ABSTRACT

Abdias Nascimento was an important leader of the Black movement in Brazil. He began his cultural and political trajectory with the creation of the Black Experimental Theater (1944), his participation in the Unified Black Movement (1978), and his later roles as a federal deputy and senator. During the military dictatorship, between 1964 and 1969, he faced repression due to his involvement with African liberation movements and his anti-racist activities in Black theater. In 1968, he accepted an invitation for an academic exchange in the United States, where he remained in exile for thirteen years. The objective of this theoretical

¹ Este artigo é resultado da dissertação de mestrado intitulada "A atuação parlamentar de Abdias Nascimento: luta antirracista e o processo de redemocratização política no Brasil (1983–1987)", defendida por Tailane Santana Nunes no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (2022), e finalista do Concurso Anpocs de Teses e Dissertações (2023).

² Mestra em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Professora de Sociologia do Estado da Bahia. Pesquisa a vida e a obra de Abdias Nascimento, o Movimento Negro e o ativismo institucional. E-mail: tailanenunes@outlook.com

³ Licenciado em Educação Física. Professor, músico e produtor cultural. Ativista negro, integra o coletivo quilombola Marilene Matos e pesquisa identidade, territórios e samba de roda. E-mail: edvinmarlei@gmail.com

review article is to retrace Abdias Nascimento's trajectory during his self-exile, highlighting the experiences and networks he built with North American and African movements. Through a qualitative methodological approach, with emphasis on documentary research, biographical accounts of the activist's life and work, as well as his intellectual productions, were analyzed to present the paths Nascimento followed within the international movements he engaged in. The research revealed that Nascimento became an important reference in art and cultural movements in the United States, participating in initiatives such as the Black Arts Movement. Furthermore, several of his works presented at Pan-Africanist meetings were analyzed, allowing us to understand the connections between the activist and the African liberation struggles. The analysis of his biographical accounts and intellectual productions highlighted the importance of his voice in the fight against racial oppression and in the promotion of Black culture, as well as his fundamental role in articulating a Latin American Black consciousness and denouncing Brazilian structural racism.

Keywords: Abdias Nascimento; Self-exile; Pan-Africanism.

RESUMEN

Abdias Nascimento fue un líder importante del movimiento negro en Brasil. Inició su trayectoria cultural y política con la creación del Teatro Experimental del Negro (1944), su participación en el Movimiento Negro Unificado (1978) y su posterior desempeño como diputado federal y senador. Durante la dictadura militar, entre 1964 y 1969, enfrentó represión debido a su vinculación con los movimientos de liberación africanos y sus actividades antirracistas en el teatro negro. En 1968 aceptó una invitación para un intercambio académico en Estados Unidos, donde permaneció exiliado durante trece años. El objetivo de este artículo de revisión teórica es reconstruir la trayectoria de Abdias Nascimento durante su autoexilio, destacando las experiencias y redes creadas junto a los movimientos norteamericanos y africanos. A través de un enfoque metodológico cualitativo, con énfasis en la investigación documental, se analizaron los relatos biográficos sobre la vida y la obra del activista, así como sus producciones intelectuales, con el fin de presentar los caminos que Nascimento trazó dentro de los movimientos internacionales de los que formó parte. La investigación reveló que Nascimento se convirtió en una referencia importante en los movimientos de arte y cultura en Estados Unidos, participando en iniciativas como el *Black Arts Movement*. Además, se analizaron varias de sus producciones presentadas en encuentros panafricanistas, lo que permitió comprender las interlocuciones entre el activista y las luchas de liberación africanas. El análisis de los relatos biográficos y las producciones intelectuales de Nascimento evidenció la importancia de su voz en la lucha contra la opresión racial y en la promoción de la cultura negra, así como su papel fundamental en la articulación de una conciencia negra latinoamericana y en la denuncia del racismo estructural brasileño.

Keywords: Abdias Nascimento; Autoexilio; Panafricanismo.

1. INTRODUÇÃO

Engajado nas lutas por igualdade em nível mundial, Abdias Nascimento respirou e dedicou sua vida às causas públicas, às lutas dos oprimidos e, sobretudo, à luta negra. Considerado uma das grandes lideranças do movimento negro no Brasil, o legado de Nascimento na luta antirracista é extenso, visto que o ativista imprimiu seu pensamento crítico tanto no terreno cultural quanto no político. Desde a fundação do Teatro Experimental do Negro (1944) e do Movimento Negro Unificado (1978) até sua produção intelectual negra brasileira, com obras importantes como *Negro Revoltado* (1968) e *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado* (1978), Abdias Nascimento protagonizou diversos tipos de ação e mobilização que confluíram no combate ao racismo e na defesa dos direitos civis e humanos do povo negro (Almada, 2009; Nascimento, E., 2020).

Enquanto integrante de importantes organizações negras ao longo da história, o ativista utilizava sua voz para denunciar o mito da democracia racial. Fundou o jornal *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro* (1948-1950), importante veículo de comunicação da imprensa negra paulista que documentava as ações do teatro negro e trazia à reflexão os problemas sociais da comunidade afro-brasileira da época (Nunes, T.; Jr., W. P., 2020).

Além disso, no período de redemocratização política no Brasil, desempenhando um papel representativo, Abdias Nascimento tornou-se o primeiro parlamentar afro-brasileiro a dedicar seu mandato à luta antirracista como deputado federal (1983-1987) pelo Partido Democrático Trabalhista (PDT), nas primeiras

eleições do processo de reabertura política. Liderando a secretaria do movimento negro do PDT, Abdias conduziu sua campanha eleitoral voltada para a questão racial. Sob o lema “O povo negro no poder!”, o intelectual problematizava, de forma didática, em suas campanhas, a ausência de negros nos altos escalões do poder civil e afirmava que o objetivo central de sua plataforma política era combater o racismo e lutar pelos direitos da população negra (Custódio, 2012; Nascimento, E., 2014).

Como consequência de sua atuação comprometida com a luta antirracista, durante o período da ditadura militar (1964-1969), Abdias Nascimento sofreu repressões diretas do regime, assim como outros ativistas. Acusados de estabelecer conexões entre o movimento negro e grupos de esquerda, Nascimento e os integrantes do Teatro Experimental do Negro foram alvos de investigação e perseguição política. Dessa forma, no final dos anos 1960, o TEN começou a diminuir suas atividades e a se dissolver. Com o endurecimento do regime militar, nomes importantes, como o de Guerreiro Ramos, tiveram de deixar o país, o que enfraqueceu a organização.

Nesse ínterim, em 1968, Nascimento recebeu um convite de intercâmbio da Fundação Fairfield para visitar instituições culturais negras nos Estados Unidos. A princípio, a viagem duraria dois meses; porém, quando estava em Nova York, o governo militar promulgou o Ato Institucional nº 5, inaugurando os chamados “anos de chumbo” no Brasil. Nesse contexto, Abdias decidiu permanecer nos Estados Unidos, dando início a um exílio de 13 anos que representaria uma nova etapa de seu ativismo — inicialmente como artista, em conjunto com os movimentos norte-americanos, e posteriormente como pan-africanista, junto aos movimentos de libertação dos países africanos (Custódio, 2012; Cavalcanti, 1976).

Neste artigo, buscamos apresentar os caminhos que Abdias Nascimento traçou nesses movimentos internacionais, destacando as vivências, redes e contribuições criadas pelo autor junto às comunidades negras estadunidense e africana. Em nossa revisão bibliográfica, identificamos que a posição assumida por Nascimento junto a esses movimentos é a de referência sobre cultura negra na América Latina, somando sua experiência e intelectualidade a movimentos como o *Black Arts Movement* e a *Négritude francófona*. Por meio da análise metodológica qualitativa, com ênfase na pesquisa documental, analisamos relatos biográficos acerca da vida e obra do ativista, bem como suas produções intelectuais durante esse período, destacando as influências do pensamento pan-africanista em suas obras. Além disso, são apresentados os textos e pronunciamentos de Nascimento em encontros internacionais, nos quais frequentemente expunha o caráter violento do racismo brasileiro e problematizava o apoio camuflado da ditadura militar ao regime do apartheid na África do Sul.

2. DESENVOLVIMENTO

A saída de Abdias Nascimento do Brasil, no ano de 1968, ocorreu de forma oportuna em um momento crítico da história brasileira. Segundo consta em alguns relatos (ALMADA, 2009; CUSTÓDIO, 2012), o endurecimento do regime militar o teria obrigado a deixar o país. Inquéritos Policiais Militares incluíam Nascimento como suspeito de estabelecer ligações entre o movimento negro e a esquerda comunista. De acordo com Custódio (2012), a hipótese de que Nascimento mantinha vínculos com a esquerda surgiu a partir de sua colaboração na libertação de Lima Azevedo, angolano vinculado ao Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), que foi preso e torturado pela ditadura militar brasileira. O MPLA foi fundado em 1956 e constituía-se como um dos principais grupos de contestação ao colonialismo português implantado pelo regime de Salazar em Angola. Seu principal líder foi o poeta Agostinho Neto, que se tornou presidente do país em 1975, ano em que Angola conquistou a independência.

Durante sua existência, o MPLA assumiu fortes posições nacionalistas e mantinha certo diálogo com o Partido Comunista Angolano (PCA), o que lhe conferia um aspecto de grupo subversivo para o regime militar brasileiro. Segundo Elisa Larkin (2014), Abdias Nascimento era um dos representantes oficiais do MPLA no Brasil e teria contribuído para a libertação de Lima Azevedo ao apresentar seu caso ao embaixador do Senegal, Henri Senghor, que, por vias diplomáticas, conseguiu negociar a libertação daquele. Essa relação pode ter favorecido a inclusão de Nascimento nos inquéritos policiais da ditadura e a adoção de uma vigilância maior sobre suas posições políticas. Dessa forma, quando recebeu o convite de intercâmbio da Fairfield Foundation, o ativista não hesitou em aceitá-lo, vendo-o como uma “sorte grande” do destino. Na segunda quinzena de outubro de 1968, Abdias Nascimento embarcou para os Estados Unidos, iniciando o que viria a ser um autoexílio de 13 anos de duração (1968–1979).

Fundada em 1952, a Fairfield Foundation (FF) era uma organização sem fins lucrativos que mantinha vínculos com a milionária família Fleischmann, conhecida por sua grande influência na indústria de bebidas dos Estados Unidos. A bolsa que Abdias Nascimento viria a receber estava inserida em um âmbito de expansão cultural estadunidense, constituindo parte do programa *Travel and Study* da fundação. Instituído pela FF em 1963, esse programa tinha como objetivo “atrair personalidades, intelectuais e artistas de diversas partes do mundo para desenvolverem projetos pessoais nos Estados Unidos e visitarem instituições culturais do país” (CUSTÓDIO, 2012, p. 64).

No ano em que Abdias desembarcou nos Estados Unidos, o contexto social era marcado pela insurgência de movimentos sociais negros que buscavam combater a intensa segregação racial no país. Ao longo das décadas de 1950 e 1960, ainda sob a sombra da Guerra Fria, diversos grupos e coletivos políticos passaram a se organizar em prol da luta por direitos civis e em oposição ao sistema racial opressivo que atingia grupos minoritários, principalmente negros e latinos. Embora não seja possível reconstituir todos os processos históricos e de luta dessas mobilizações sociais, partiremos dos principais movimentos e discursos negros que, ao que tudo indica, influenciaram diretamente a recepção de Abdias Nascimento no país e a oferta de oportunidades singulares nas artes e na academia estadunidense, das quais o ativista viria a usufruir posteriormente.

Um dos movimentos decisivos para a trajetória de Abdias Nascimento no autoexílio foi o *Black Arts Movement*. Surgido em meados da década de 1960, esse movimento se destacou por empreender uma luta contra o racismo americano por meio das artes, da literatura e do teatro. Defendendo a construção e a difusão de uma estética negra que contestasse as representações eurocêtricas vigentes no universo artístico, o *Black Arts Movement* impulsionou o reconhecimento e a visibilidade de diversos artistas negros, propondo uma produção artística atrelada ao discurso político negro. Inicialmente localizado na cidade de Nova York, o movimento se estendeu para Detroit, San Francisco e Chicago, atuando com veemência no sentido de estabelecer e consolidar novas vozes negras no universo excludente das artes.

Tanto o *Harlem Renaissance* quanto o *Black Arts Movement* tinham como objetivo principal integrar a luta contra as desigualdades raciais por meio das artes. Entretanto, a abordagem política adotada pelo *Black Arts Movement* o diferenciava de seu antecessor. Considerando que o movimento surgiu em meio à luta por direitos civis, as atividades desenvolvidas por seus militantes compunham uma agenda conjunta contra o racismo estrutural. Segundo Nganga (2020), o *Black Arts Movement* atuou em parceria com o *Black Power Movement*, sendo considerado até mesmo o “braço cultural” dessa organização. Iniciado também na década de 1960, o *Black Power Movement* é amplamente reconhecido por seu legado na luta pela libertação negra. Inspirando-se no pan-africanismo e no nacionalismo negro, a organização se opunha aos ideais de protesto não violento contra a segregação racial, tal como defendido pelo líder Martin Luther King Jr. Segundo seus militantes, somente os protestos pacíficos não seriam suficientes para sanar as desigualdades sociais e a perpetuação histórica do racismo sistêmico na sociedade americana. Guiado pelos discursos de lideranças como Malcolm X e Marcus Garvey, o *Black Power Movement* defendia os princípios de orgulho racial, autonomia e autodeterminação da população afro-americana, propondo que os esforços da luta antirracista deveriam se concentrar na criação de uma estrutura de poder econômico, social e político negra, em vez de buscar a integração dos negros em uma sociedade dominada por brancos.

O Black Arts Movement é completamente oposto a qualquer conceito do artista que o afaste de sua comunidade. Este movimento é a irmã estética e espiritual do conceito Black Power. Como tal, ele imagina uma arte que fala diretamente às necessidades e aspirações da América Negra. Para realizar esta tarefa, o Black Arts Movement propõe uma reordenação radical da estética cultural ocidental. Ambos os conceitos de arte negra e poder negro se relacionam amplamente com o desejo do afro-americano de auto-determinação e nacionalidade. Ambos os conceitos são nacionalistas. Um deles se preocupa com a relação entre arte e política; o outro com a arte da política. (Nganga, 2020, p. 104)

Paralelamente, o Teatro Experimental do Negro, liderado por Abdias, propunha-se a ressignificar a forma como os negros brasileiros eram representados nas artes e na cultura nacional. Segundo relata Elisa Larkin (2014), ao entrar em contato com os ativistas do *Black Arts Movement*, Nascimento compartilhava suas experiências como ator político e explicava que os aspectos singulares do racismo brasileiro exigiam que a abordagem desse tema não fosse feita de forma academicista ou elitista:

Abdias Nascimento visitou Baraka na Spirit House, casa que abrigava o grupo teatral Spirit House Players. Passou um dia convivendo com Baraka e sua proposta de construir uma comunidade artística e política autônoma. Eles tiveram uma conversa animada sobre o inferno de Dante, tema caro à Santa Hermandad Orquídea, a que Amiri Baraka dedicou um livro. Mas a atenção dos dois se concentrava em estratégias políticas da luta negra. Baraka, que trabalhava em aliança com “latinos” porto-riquenhos, agora se deparava com um negro “latino” brasileiro, militante político do movimento negro que lhe trazia novas referências. (Larkin, 2014, p. 205)

Sendo assim, ao que tudo indica, a posição que Nascimento assume junto a esses movimentos é de referência sobre a cultura negra na América Latina. Como bem ressalta Larkin (2014), os norte-americanos sabiam pouco sobre a realidade dos negros brasileiros. Sua visão geográfica restrita indicava que a presença negra na América Latina compreendia somente os países de Cuba e Porto Rico, raramente se referindo à herança africana na América do Sul. Dessa forma, “Nascimento encarnava uma espécie de *avis rara*, despertando o interesse daqueles que queriam aprender sobre novas dimensões da experiência humana” (Nascimento, E., 2014, p. 207).

Durante o intercâmbio, Nascimento teve a oportunidade de conhecer diversas lideranças afro-americanas, grupos de teatro negro e organizações culturais, com os quais manteve relações durante sua estadia em terras estadunidenses. Reconhecido pelo trabalho desenvolvido no Teatro Experimental do Negro, Abdias visitou os principais focos da mobilização artística negra, como a Spirit House — grupo de teatro negro comunitário fundado por Amiri Baraka — e o Negro Theatre Ensemble, companhia e oficina de teatro voltada a obras com temas baseados na experiência negra, fundada em 1967 pelo dramaturgo Douglas Turner. Frequentou o centro de dança e cultura da famosa coreógrafa negra Katherine Dunham, com quem havia colaborado anteriormente. Além disso, Nascimento também conheceu Bobby Seale, presidente do Partido dos Panteras Negras em Oakland.

Ao término da bolsa, em janeiro de 1969, Abdias permaneceu nos Estados Unidos. Embora não haja fontes que indiquem exatamente quando, nem a razão pela qual o intelectual tomou essa decisão, um fato histórico pode tê-lo influenciado: durante esse mesmo período, o Ato Institucional nº 5 (AI-5) havia sido implantado no Brasil pela ditadura militar sob o governo do general Costa e Silva. O cenário social, que já era de repressão, encontrava-se então em um pico de censura e cerceamento dos direitos civis e políticos da população brasileira. Certamente, não seria prudente para Abdias Nascimento, um ativista político, retornar ao país naquele momento de perseguição institucionalizada. Ao mesmo tempo, ao falar sobre sua situação de exilado nos EUA, Abdias revela que sentiu uma valorização do seu trabalho naquele país, razão pela qual estendeu sua permanência.

Já disse e repito, sempre fui um exilado em meu próprio país, não tenho uma “terra natal”. Ou melhor, tenho: África. A sociedade brasileira recusou minhas raízes africanas, quis cortá-las, arrancá-las à força, fazer de mim um desenraizado. Tive de lançar minhas raízes de cima para baixo, pelo esforço consciente, lançando-as no ar como certas plantas fazem. Não foi a vinda para os Estados Unidos que criou meu exílio. Pelo contrário: aqui pude me expressar muito melhor, continuando o que já fazia, noutro contexto. Uma grande diferença é que, aqui nos EUA, o valor do meu trabalho foi reconhecido, é coisa que não posso negar. (Cavalcanti; Ramos, 1976, p. 48)

Entretanto, ao optar por permanecer em um país estrangeiro sem financiamento, Nascimento também enfrentou desafios financeiros e de moradia. Nesse período, a pintura contribuiu para que o autor se restabelecesse financeiramente e significou, ao mesmo tempo, a construção de pontes de comunicação em terras estrangeiras. Sem falar fluentemente inglês, Abdias encontrou nas artes uma forma de expressar seus discursos e posições ideológicas, conforme relata no livro *Memórias do Exílio*:

Uma coisa sensacional aconteceu comigo nos E.U.A. Bloqueado pelo inglês, desenvolvi uma nova forma de comunicação. Ao invés de aprender a falar bem uma outra língua, descobri que possuía uma outra forma de linguagem dentro de mim mesmo: descobri que podia pintar; e pintando eu seria capaz de mostrar o que palavreado nenhum diria. (Cavalcanti; Ramos, 1976, p. 49)

Ainda em 1969, Nascimento conseguiu montar suas primeiras exposições na *Harlem Art Gallery* e na *Crypt Gallery* (Columbia University). Atendendo a um convite da Escola de Drama da Universidade de Yale, em New Haven, o autor ministrou oficinas como *Visiting Lecturer*, relatando aos estudantes suas experiências com o Teatro Experimental do Negro e expondo suas pinturas na galeria da Faculdade de Arte e Arquitetura de Yale. Focada na temática do resgate da cultura negra, a maioria dos quadros produzidos por Nascimento fazia referência a orixás e entidades das religiões de matriz africana, mais especificamente o candomblé.

Símbolo de resistência ancestral, o candomblé constitui o pilar da produção artística de Abdias Nascimento e é representado por meio dos orixás e entidades traçados pelo autor, com o objetivo de resgatar o legado de resistência, expressar as raízes culturais e evidenciar a força do povo negro brasileiro, conforme ele mesmo explica em depoimento:

Em minha pintura procuro distinguir entre os símbolos e mitos que só existem como tradição, e aqueles que preenchem necessidades do nosso tempo podendo abrir uma perspectiva de futuro. Não advogo que simplesmente lembremos o nosso passado. Meus orixás não estão imobilizados no tempo e no espaço. São forças do presente. Emergem na vida diária e em assuntos seculares. Os orixás recebem nomes de pessoas vivas, assumem a defesa dos heróis e mártires que ainda hoje são oferecidos pela

raça negra como sacrifício na busca da liberdade. Mencionar Ogun é evocar uma idéia-força que se opõe à submissão dos povos africanos e negros em qualquer parte do mundo. (Cavalcanti; Ramos, 1976, p. 49-50)

Em 1970, Nascimento foi convidado a atuar como professor visitante na Wesleyan University, onde abordava o teatro negro como instrumento de luta e de afirmação dos valores da cultura afro-brasileira. Nessa instituição, o autor foi responsável por organizar o seminário *A Humanidade em Revolta*, que teve duração de um ano e contou com a participação de nomes importantes da época, como o escritor Norman O. Brown e o compositor John Cage. O evento tinha como objetivo refletir, de maneira interdisciplinar, sobre as questões emergentes do contexto social turbulento vivido pelos Estados Unidos naquele período. Após sua passagem pela Wesleyan, Abdias foi contratado como professor adjunto pela Universidade do Estado de Nova York, em Buffalo. Segundo Elisa Larkin (2014), o convite para integrar o corpo docente da universidade teria surgido das relações que Abdias mantinha com ativistas porto-riquenhos. Responsáveis pela instalação do Centro de Estudos Porto-Riquenhos da instituição, o escritor Alfredo Matilla e o cineasta Francisco Pabón conheciam o trabalho de Nascimento e o convidaram para fundar a cadeira de Culturas Negras das Américas. É importante destacar, porém, que fatores externos também contribuíram para a inserção de Abdias Nascimento na academia norte-americana. De acordo com Custódio (2012), havia grande interesse, por parte de algumas universidades, em aprofundar os estudos acerca das relações raciais na América Latina — um campo de pesquisa até então considerado “marginal”. Essas buscas por novas abordagens acadêmicas também teriam influenciado sua admissão:

O convite a Nascimento se inscreveria no interesse daquela Universidade por ter um artista afro-latino americano em seu quadro de docentes. Vale ainda ressaltar que nesse momento pouco se conhecia sobre o Brasil, principalmente sobre a cultura negra brasileira, a qual estava submersa no discurso oficial do país em torno da democracia racial. Dessa maneira, a presença de Nascimento enquanto artista, com suas pinturas orientadas para a representação dos elementos africanos, tinha um interessante valor simbólico, (Custódio, 2012, p. 69)

Abdias permaneceu na Universidade de Nova York de 1971 a 1981, sendo promovido a professor titular com estabilidade. Para o intelectual, a experiência de lecionar nas universidades norte-americanas teve grande importância, visto que ele não teve a mesma oportunidade em seu país de origem. Tratava-se de um momento de reconhecimento de sua trajetória política, pois, segundo ele, “viajava muito dando conferências, recebia muito convite e fazia também exposições. Sempre denunciando essa falta da democracia racial” (Almada, 2009, p. 44). Abdias ainda assumiria as cadeiras de “Cultura Africana no Novo Mundo” e “Experiência Africana nas Américas do Sul e Central” na mesma universidade. Como Nascimento não falava inglês fluentemente, recorria sempre a tradutores em suas aulas, sendo, em sua maioria, estudantes e pesquisadores interessados nos estudos sobre a América Latina, falantes de português ou espanhol.

2.1 ABDIAS NASCIMENTOS NOS ENCONTROS PAN-AFRICANISTAS

A partir de 1973, o ativismo de Abdias Nascimento ganhou proporções intercontinentais. Segundo Túlio Custódio (2012), o intelectual buscou ampliar sua participação em congressos e seminários fora do território norte-americano entre os anos de 1973 e 1981, período que marcaria o auge de suas experiências no exílio. Nesse intervalo, o autor publicou importantes livros, como *O genocídio do negro brasileiro* (1978), participou de grandes eventos pan-africanistas e tornou-se professor na Universidade Nigeriana de Ilê Ifé. O pan-africanismo desempenhou um papel central na reformulação do pensamento de Nascimento acerca da cultura e da identidade negra.

O pan-africanismo ganhou destaque como movimento social na luta pela descolonização e libertação dos países africanos a partir da década de 1970. Segundo Carlos Moore (2002), após a Revolução do Haiti, em 1804, o pan-africanismo tornou-se um movimento mundial, intensificando-se nas Américas a partir das reivindicações pós-abolicionistas e da oposição à tutela colonial e imperial na África, no Caribe e no Pacífico. Baseado na ideia de solidariedade racial entre os povos africanos e afrodescendentes, o pan-africanismo pode ser dividido em três principais correntes, que se transformaram ao longo do tempo.

A primeira teve início no final do século XIX e foi construída a partir da aspiração de dar continuidade ao protagonismo negro trazido pela Revolução do Haiti. Nesse momento, a preocupação era libertar os países africanos do colonialismo e construir estratégias de integração da população negra à sociedade. Essa corrente, composta por nomes como Edward Blyden, Sylvester Williams e W. E. B. Du Bois, foi responsável por organizar a “Conferência dos Povos de Cor”, em 1900, na Inglaterra. Embora tenha ocorrido fora do continente africano, o evento é considerado um dos primeiros responsáveis por articular laços de solidariedade negra intercontinental — característica ímpar do pan-africanismo.

A segunda corrente é representada pela figura de Marcus Garvey, um dos principais expoentes do movimento em nível mundial. O garveísmo destacou-se por abordar o pan-africanismo a partir do nacionalismo negro. Segundo Paim (2014, p. 96), “Garvey representa um divisor de águas por dois motivos. Nele encerra-se a fase pioneira da edificação pan-africana (1940), ao mesmo tempo em que inaugura a fase de concretização e difusão do pensamento a partir de seu projeto”.

Tida como uma vertente “messiânica” ou religiosa, a proposta pan-africanista de Garvey também mantinha relações com o movimento/religião rastafári, que teve no cantor de reggae Bob Marley um dos principais divulgadores de suas ideias. Rejeitando as concepções integracionistas, o garveísmo defendia a autonomia dos povos africanos por meio do desenvolvimento econômico, político e cultural do continente. Segundo essa corrente, era preciso estabelecer forças políticas e econômicas conjuntas na diáspora das Américas, do Caribe e do Pacífico, que fossem independentes dos blocos econômicos europeus e estadunidenses. Dessa forma, visava-se à criação de um Estado negro autônomo que agregasse os povos da África e da diáspora sob um mesmo propósito: a edificação de uma comunidade negra próspera. O pensamento garveísta influenciou grandes nomes do movimento negro estadunidense, como Malcolm X, e foi a base do movimento *Black Power* e do Partido dos Panteras Negras.

Por fim, a terceira e última corrente é comumente associada à vertente cultural do pan-africanismo: a *Négritude francófona*. O movimento da *Négritude* surgiu em meados da década de 1920, com origem primordialmente nos países de colonização francesa. Responsável por destacar a contribuição das culturas negras para a história da civilização ocidental, esse movimento teve como principais porta-vozes intelectuais como Aimé Césaire, Léon Damas e Léopold Senghor, que utilizaram a literatura como ferramenta de luta contra a assimilação colonial da cultura europeia. De acordo com Petrônio Domingues (2009, p. 197), em rejeição ao processo de alienação, “os protagonistas da ideologia da negritude passaram a resgatar e a enaltecer os valores e símbolos culturais de matriz africana”.

Promover o orgulho das raízes culturais africanas na comunidade negra mundial era um dos objetivos centrais da *Négritude*. Segundo Munanga (1988), para os ativistas desse movimento, a negritude se caracterizava pelo ato de assumir-se como negro, consciente de sua identidade, história e cultura. Aimé Césaire, um dos idealizadores do movimento, definiu a negritude em três características principais: identidade, fidelidade e solidariedade. O primeiro aspecto referia-se ao orgulho de sua identidade negra; o segundo expressava-se na relação de vínculo com a herança ancestral africana; e o último definia-se pelo sentimento de solidariedade com a diáspora africana.

Conforme indica Carlos Moore (2002), entre as três vertentes do pan-africanismo, Abdias Nascimento, enquanto homem das letras e artista, teria se identificado de maneira natural e espontânea com o pan-africanismo político-cultural da *Négritude*, com o qual vinha mantendo contato desde a década de 1950 no Brasil. Tal relação se intensificou ao longo dos congressos e seminários pan-africanistas que o autor frequentou durante o exílio, visto que seu contato com esses ativistas tornava-se cada vez mais direto. A primeira participação de Abdias nos encontros pan-africanos ocorreu durante a conferência preparatória do 6º Congresso Pan-Africano, que seria realizado em Dar es Salaam, na Tanzânia, em 1974. O ativista teria sido convidado pelo célebre C. L. R. James, um dos maiores representantes da diáspora africana no Congresso, que “conhecia o trabalho de Abdias Nascimento e externou sua intenção de dedicar um dia inteiro do 6º Congresso para discutir a situação brasileira” (Nascimento, E., 2014, p. 221).

Em 1974, Abdias recebeu o convite oficial do governo da Tanzânia para participar do 6º Congresso Pan-Africano em Dar es Salaam. Segundo Larkin (2014), no mesmo dia em que recebeu o telegrama de confirmação de participação, Nascimento soube que o coordenador da região do Caribe e da América do Sul, bem como a delegação da Guiana Inglesa, haviam sido excluídos do Congresso. Em solidariedade a eles, C. L. R. James desistiu de comparecer ao evento. Abdias quase tomou a mesma decisão, mas resolveu participar em forma de protesto. Durante o Congresso, o ativista brasileiro foi o único representante da América do Sul. Apresentando o *paper* intitulado “Revolução Cultural e o Futuro do Pan-Africanismo”⁴, Nascimento defendeu a adoção de uma cultura progressista pan-africana mundial que considerasse as contribuições das diásporas na luta pela libertação: “tornar contemporâneas as culturas africanas e negras na dinâmica de uma cultura pan-africana mundial, progressista e anticapitalista, me parece ser o objetivo primário, a tarefa básica que a história espera de nós” (Nascimento, 1980, p. 45).

Além disso, o autor chamou a atenção para o caráter excludente do Congresso no que se referia às línguas

⁴ A maioria dos *papers* e relatos sobre a experiência de Nascimento nestes eventos internacionais pode ser encontrada na obra *O Quilombismo: Documentos de uma militância pan-africanista*, publicada pelo autor em 1980.

oficiais adotadas. De acordo com Abdias, “exigem dos africanos que falam português – o grande contingente que inclui Brasil, Angola, Moçambique e Guiné-Bissau – o uso obrigatório do inglês ou do francês, exigência que significa para nós uma dupla colonização em termos de linguagem” (Nascimento, 1980, p. 29). Segundo Almada (2009) e Custódio (2012), a participação do intelectual nesse evento teria sido prejudicada, visto que não havia tradutores do português. Sua intervenção só foi possível porque uma mulher francesa, integrante do corpo oficial de tradutores, se dispôs a auxiliá-lo. Dessa forma, Nascimento conclui afirmando que esse elitismo linguístico desestimulava a participação de negros brasileiros nas lutas internacionais e favorecia a presença de representantes oficiais do governo, os quais apresentavam uma versão distorcida da história e da identidade afro-brasileira.

A busca de Abdias pela construção de caminhos autônomos de atuação política apresentou-se novamente no Seminário *Alternativas para o Mundo Africano*, realizado em Dacar, no Senegal, em fevereiro de 1976. Esse foi um momento especialmente simbólico para o autor, que estava conhecendo o país após ter sido excluído da delegação brasileira do 1º Festival Mundial de Artes Negras pela ditadura militar, dez anos antes. Nesse encontro, Abdias deu sua contribuição ao evento internacional defendendo um pan-africanismo focado “nas referências culturais africanas como ferramentas para pensar o futuro e na autonomia política e econômica, não alinhada aos eixos hegemônicos” (Nascimento, E., 2014, p. 224). Na mesma ocasião, o intelectual também conheceu os pensadores africanos Wole Soyinka e Cheikh Anta Diop, autores que se tornaram suas principais referências no que se refere à reflexão sobre as dimensões históricas e epistemológicas da herança africana no Brasil e no mundo ocidental.

O trabalho de Cheikh Anta Diop é considerado, pela literatura africana, um dos principais legados científicos da reflexão pan-africanista. Em seu livro *A origem africana da civilização: mito ou realidade* (1974), Diop realiza um profundo resgate da história antiga do continente africano e demonstra a influência cultural que os povos africanos exerceram sobre a civilização egípcia, revelando que o antigo Egito possuía raízes negras. De acordo com Túlio Custódio (2012), a obra de Cheikh Anta Diop tornou-se um dos principais referenciais teóricos de Abdias Nascimento durante e após o exílio. Essas influências podem ser observadas diretamente no texto escrito para o Segundo Festival Mundial de Artes e Cultura Negra e Africana – FESTAC 77: *Racial Democracy in Brazil: Myth or Reality*, que mais tarde seria editado e publicado no Brasil como *O genocídio do negro brasileiro* (1978). Nessa obra, Nascimento faz uma releitura da história do negro no Brasil, destacando o processo de embranquecimento e o apagamento histórico das contribuições africanas para a cultura e a sociedade brasileira.

Além disso, décadas depois, Nascimento também promoveu um movimento de resgate da herança africana por meio da produção da *Revista Thôthi: Escriba dos Deuses* (1997–1999). Principal veículo de comunicação do gabinete de Abdias durante seu mandato como senador, a revista também tinha a função de divulgar informações e debates sobre temas de interesse da população afrodescendente. Frequentemente, as seções da revista eram dedicadas à difusão de referências sobre o legado africano no Brasil e no mundo, com o intuito de recuperar “uma tradição africana escamoteada à população brasileira enquanto verdadeira matriz de nossa civilização”.

Em 1976, Abdias Nascimento recebeu convite para passar um ano como professor visitante no Departamento de Línguas e Literaturas da Universidade de Ifé, na Nigéria, dirigido pelo professor e babalaô Wande Abimbola. Durante o tempo em que esteve no país, Abdias aproveitou para realizar um itinerário de visitas a locais sagrados da religião iorubá. Admirador dos orixás do candomblé, o autor passou pelas cidades de Oshogbo, capital do estado de Oxum, e Oyó, território onde se situava o reino de Xangô. Além disso, Nascimento buscou conhecer outros países do continente, como Angola, Guiné-Bissau e Gana. Sobre suas experiências e os aprendizados adquiridos na universidade africana, Abdias relata:

Estou sumamente honrado e feliz de representar, como um afro-brasileiro, o Projeto das Culturas Africanas na Diáspora, da Universidade de Ifé, na Nigéria. Instalada nas vizinhanças do próprio local onde Obatalá, o enviado de Odudua, baixou sobre as águas de Olokum para fundar a terra e criar os seres humanos, Ilê-Ifé é a cidade que significa para o mundo negro-africano não somente o berço da nossa resistência, como também um dos lugares onde os padrões da criação artística afro-negra atingiram os níveis mais altos em técnicas e significação simbólica. Foi como se eu estivesse praticando a volta ritual às minhas origens o tempo em que permaneci no seu Departamento de Línguas e Literaturas Africanas; durante aquele ano pude ser uma testemunha participante do que aquela bela instituição de ensino superior está realizando para atender às exigências da reconstrução da África, após séculos de destruição colonial. (Nascimento, 1980, p. 157)

No ano de 1977, enquanto atuava como professor visitante em Ilê Ifé, Abdias teve a oportunidade de participar do II Festival Mundial de Artes e Culturas Negras e Africanas (FESTAC 77). O evento tinha como propósito reunir intelectuais, professores, pesquisadores, artistas e estudiosos do mundo africano para refletir e dialogar sobre o futuro dos povos de origem africana. A convite da UNESCO, o ativista preparou um texto

sobre as influências da cultura africana no Brasil, que seria apresentado em um colóquio promovido pela instituição durante o encontro. Entretanto, conforme relata em *Sitiado em Lagos* (1981), movimentações políticas externas ao Festival resultaram na retirada da UNESCO e das Nações Unidas da organização do evento, que passou a ser conduzido por delegações oficiais dos países participantes — tal como ocorrera no primeiro FESTAC.

A participação de Nascimento tornou-se, nesse contexto, incerta, uma vez que o ativista mantinha uma relação conflituosa com a ditadura militar brasileira. Em 1975, em razão de sua participação no VI Congresso Pan-Africano, no qual denunciou o mito da democracia racial, Abdias teve seu passaporte apreendido nos Estados Unidos. Viajando apenas com um salvo-conduto concedido pelo governo norte-americano, o autor passou a ser monitorado pelo regime brasileiro, encontrando-se sob vigilância desde outubro de 1976, quando chegou à Nigéria para assumir o cargo de professor visitante (Custódio, 2012). O próprio Abdias relata um episódio em que percebeu uma aproximação suspeita durante o FESTAC 77:

Trocávamos cumprimentos e abraços quando, de repente, alguém me chamou a atenção para um vulto, uma pessoa talvez, que, evitando ser vista, tentava me fotografar. Escondia-se atrás de outras pessoas, e ao ver-se apanhado em flagrante por mim e meus amigos, todos nós voltados surpresos em sua direção, o improvisado fotógrafo rapidamente guardou sua máquina e seu vulto desapareceu entre a multidão das delegações. Com o auxílio dos companheiros, pude identificar o inusitado “retratista”: tratava-se, nada mais nada menos, do que Dr. George Alakija, representante permanente do governo ditatorial brasileiro junto ao FESTAC. (Nascimento, 2002, p. 263-264)

Piu Zirimu, um dos organizadores do evento, tentou assegurar a participação de Abdias Nascimento mesmo diante da tensão provocada pela delegação oficial brasileira. Entretanto, o texto submetido por Nascimento — que trazia duras críticas ao mito da democracia racial — foi vetado pelo corpo diplomático brasileiro, que exercia influência considerável na Nigéria. Segundo Túlio Custódio (2012), durante a década de 1970 o governo brasileiro mantinha estreitas relações comerciais com o país africano, que vivia um período de crescimento econômico impulsionado pelo petróleo. Interessado em consolidar sua presença no mercado pós-colonial africano, o regime ditatorial brasileiro não poderia correr o risco de manchar a imagem do país como uma suposta “democracia racial”. Assim, “o corpo diplomático teria feito o possível para coibir a participação de Nascimento no colóquio, delegando inclusive à comitiva de intelectuais que o ‘respondesse’ à altura em qualquer comentário ou denúncia” (Custódio, 2012, p. 96).

Dessa forma, Abdias foi impedido de apresentar propostas e de votar durante o FESTAC 77, podendo apenas se manifestar na condição de observador no Colóquio Internacional — espaço que utilizou como plataforma para denunciar a perseguição política que sofria. No decorrer das atividades, conseguiu distribuir cópias do texto vetado, que circulou amplamente entre os participantes. A denúncia alcançou a mídia nigeriana, que noticiou o episódio, contribuindo para ampliar o apoio ao ativista. Com o respaldo da delegação norte-americana e de intelectuais africanos, como Wole Soyinka, Nascimento obteve, enfim, um espaço para apresentar o conteúdo do texto *Racial Democracy*, posteriormente publicado com o título *O Genocídio do Negro Brasileiro* (1978).

Sem dúvida, esse episódio representou uma vitória simbólica para Abdias Nascimento. Denúncias relacionadas à repressão, à censura e à questão racial eram fortemente indesejadas pelo regime militar e acompanhadas de perto pelo corpo diplomático, como se observa na correspondência oficial da época. No entanto, à medida que as declarações de Nascimento ganhavam projeção internacional, a imagem do Brasil como “democracia racial” se fragilizava. Conforme relata Custódio (2012), com o enfraquecimento da repressão, o país vivia o início do processo de abertura política, o que impediu que o ativista sofresse novas perseguições ou represálias. Esse contexto contribuiu para consolidar a imagem de Abdias como uma das principais lideranças do protesto negro em escala internacional.

Logo após o FESTAC 77, o ativista recebeu um convite do escritor e antropólogo colombiano Manuel Zapata Olivella para participar do 1º Congresso de Cultura Negra das Américas, realizado em Cali, na Colômbia, em agosto de 1977. Nesse evento, Abdias apresentou um estudo que denunciava a política externa brasileira diante do processo de descolonização dos territórios africanos então sob domínio português — hoje, Moçambique, Angola e Guiné-Bissau.

No texto intitulado *Etnia afro-brasileira e Política Internacional*, Nascimento afirma que havia movimentações para a formação de uma aliança entre África do Sul, Brasil e Argentina, denominada *Tratado do Atlântico Sul*, cujo objetivo seria utilizar os portos de Angola e Moçambique para a defesa das rotas marítimas do petróleo: “o objetivo básico na projetada Aliança ou Tratado seria integrar a África do Sul ao perímetro de defesa ocidental, e os aliados locais, neste caso, seriam o Brasil, a Argentina e o Chile” (Nascimento, 1980, p. 202). A

denúncia apresentada por Nascimento foi acolhida pelo Congresso, que emitiu uma declaração dirigida aos países envolvidos, à OEA, à OUA e às Nações Unidas, repudiando qualquer tipo de aliança que colaborasse com os regimes racistas da África Austral.

3 CONCLUSÃO

Abdias Nascimento deixou um legado importante, fortalecendo o ativismo negro na América Latina, nos Estados Unidos e na África e contribuindo significativamente para a luta mundial contra o racismo. Neste artigo, foi possível acompanhar a versatilidade de Nascimento dentro dos movimentos negros, perpassando da sua arte afrocentrada até seu nacionalismo negro. Após todas essas experiências e trocas, Nascimento retorna ao Brasil em 1979, propondo um modelo de pan-africanismo centrado nas experiências quilombolas. Caracterizado como ruptura afrocêntrica, o Quilombismo é proposto como uma possibilidade político-social de combate ao racismo e de elaboração de uma sociedade inspirada na experiência histórica dos quilombos brasileiros e nas culturas de matriz africana. A elaboração desse conceito reflete a interlocução que Nascimento estabelece entre sua produção teórica e artística, seu trânsito pelo mundo negro internacional e as experiências e construções teóricas adquiridas no Brasil com o Teatro Experimental do Negro.

Por meio desta pesquisa, conseguimos captar a síntese que o autor realiza das diversas influências e fontes contidas em sua trajetória: a valorização da história e da cultura negra aprendida no Teatro Experimental do Negro e pela Negritude; a perspectiva afrocêntrica da ciência, inspirada em Cheikh Anta Diop (1974); e o anti-imperialismo dos pan-africanistas. Dessa forma, podemos concluir que Nascimento utilizou seu autoexílio como instrumento de luta e resistência frente às violências do Estado brasileiro, somando-se aos movimentos da diáspora e retornando ainda mais combativo ao publicar *O Quilombismo: Documentos de uma Militância Pan-Africanista* (1980) e ao assumir cargos políticos como deputado federal (1983) e senador (1997), nos quais representou os interesses da população negra frente à estrutura racista da política brasileira.

Neste campo, é importante ressaltar o papel transformador que a atuação parlamentar de Nascimento teve em um dos momentos históricos do Brasil: o período de redemocratização política. Em seus discursos e projetos de lei, o autor buscava citar as reivindicações e ações desenvolvidas por organizações negras, antigas e contemporâneas a ele, tornando-se um divulgador e defensor desses movimentos em uma casa legislativa nitidamente branca, tanto em termos numéricos quanto ideológicos (Nascimento, E., 2021).

Dentre esses projetos, destaca-se o PL 1.332/1983, apresentado pelo ativista em seu primeiro ano de mandato, que versava sobre a adoção de políticas de ação compensatória no Brasil — princípio do que conhecemos hoje como política de ações afirmativas, sancionada no país em 2012. O projeto de lei de Abdias Nascimento foi inovador não apenas por exigir reserva de vagas para pessoas negras em instituições públicas e privadas, mas também por abordar a inclusão de conteúdos sobre a história do negro no Brasil nos currículos escolares e por indicar a necessidade de formação antirracista para agentes policiais (Nunes, 2022).

Infelizmente, o PL 1.332/83 teve tramitação semelhante aos demais projetos apresentados por Abdias Nascimento. Após sua apresentação no plenário, foi encaminhado e obteve aprovação de três comissões diferentes: Constituição e Justiça, Finanças e Trabalho e Legislação Social. Retornou ao plenário em 20 de março de 1986, registrado como “Pronto para a ordem do dia”, ou seja, pronto para votação. Entretanto, a votação foi adiada diversas vezes por falta de quórum, e o projeto nunca foi apreciado pela Câmara dos Deputados, sendo arquivado em 5 de abril de 1989. Embora não tenha sido concretizada naquele período, a iniciativa de Nascimento abriu caminhos para a discussão e implementação das ações afirmativas no Brasil (Nunes, 2022).

Ao explorar a tramitação dos PLs de Abdias, constata-se o caráter conservador e elitista dos espaços de poder político no Brasil. Recentemente, assistimos ao retrocesso promovido pelo governo Bolsonaro (2018–2022) no que tange ao descrédito das desigualdades raciais do país e ao ataque às conquistas civis já estabelecidas pelo movimento negro, como a política de cotas e as ações afirmativas nas universidades públicas, que transformaram a vida de milhões de afro-brasileiros. Portanto, a atuação de Abdias Nascimento revela-se representativa tanto para a comunidade negra daquele período histórico quanto para os dias atuais. É imprescindível reconhecer a determinação e a resiliência de Abdias Nascimento em sua missão no Congresso Nacional, que, mesmo enfrentando resistência de seus colegas, permaneceu firme na defesa dos direitos da população afro-brasileira, inspirando as gerações futuras.

4. REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amílcar Araújo (orgs.). *Histórias do movimento negro no Brasil: depoimentos ao CPDOC*. Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC-FGV, 2007.
- ALMADA, Sandra. *Abdias Nascimento*. Coleção Retratos do Brasil Negro. São Paulo: Selo Negro; Summus, 2009.
- CAVALCANTI, Pedro Celso Uchoa; RAMOS, Jovelino (coords.). *Memórias do exílio*. Lisboa: Arcádia, 1976.
- CUSTÓDIO, Túlio Augusto Samuel. *Construindo o (auto) exílio: trajetória de Abdias do Nascimento nos Estados Unidos, 1968–1981*. 2012. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-22082012-124030/>. Acesso em: 23 set. 2025.
- DOMINGUES, Petrônio José. Movimento da negritude: uma breve reconstrução histórica. *Revista África*, n. 24–26, p. 193–210, 2009. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/africa/article/view/74041>. Acesso em: 25 set. 2022.
- GUIMARÃES, Antônio Sérgio. Resistência e revolta nos anos 1960: Abdias do Nascimento. *Revista USP*, dez./jan./fev. 2005–2006, p. 156–167. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revusp/article/view/13490>. Acesso em: 12 maio 2025.
- MOORE, Carlos. *Racismo e sociedade*. Tradução de Oswaldo Martins. Salvador: EDUFBA, 2002.
- MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1988.
- NASCIMENTO, Abdias. *O quilombismo – documentos de uma militância pan-africanista*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- NASCIMENTO, Abdias. *O negro revoltado*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- NASCIMENTO, Abdias. *Teatro Negro do Brasil: uma experiência sociorracial*. *Caderno Especial*, n. 2, Rio de Janeiro, jul. 1968.
- NASCIMENTO, Abdias. *Abdias Nascimento*. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2014.
- NASCIMENTO, Abdias. *O Brasil na mira do pan-africanismo*. 2. ed. Das obras *O genocídio do negro brasileiro e Sítio em Lagos*. Salvador: EDUFBA; CEAO, 2002.
- NASCIMENTO, Elisa Larkin. *Abdias Nascimento: grandes vultos que honraram o Senado*. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2014.
- NASCIMENTO, Elisa Larkin. *Abdias Nascimento: a luta na política*. São Paulo: Perspectiva, 2021.
- NGANGA, João Gabriel do Nascimento. Black Arts Movement: “Expressar a verdade a partir dos oprimidos ou opressores?”. *Em Tempo de Histórias*, v. 1, n. 36, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/emtempos/article/view/31553>. Acesso em: 9 out. 2022.
- NUNES, Tailane; JUNIOR, Wilson Penteado. Luta antirracista e democracia racial no século XX: o legado do jornal *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro* (1948–1950). *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, v. 12, ed. espec., p. 694–710, 2020. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/955>. Acesso em: 6 out. 2025.
- NUNES, Tailane Santana. *A atuação parlamentar de Abdias Nascimento: luta antirracista e o processo de redemocratização política no Brasil (1983–1987)*. 2022. 240 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais, Cultura, Desigualdade e Desenvolvimento) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Artes, Humanidades e Letras, Cachoeira, 2022.

PAIM, Márcio. Pan-africanismo: tendências políticas, Nkrumah e a crítica do livro *Na Casa de Meu Pai. Sankofa: Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana*, ano VII, n. XIII, jul. 2014. Disponível em: <https://revistas.usp.br/sankofa/article/view/88952>. Acesso em: 12 maio 2025.

Data de submissão: 05/06/2025

Data de aprovação: 09/10/2025

Data de publicação: 15/12/2025